

AValiação DO PROJETO AUTONOMIA NO ENSINO FUNDAMENTAL EM LÍNGUA PORTUGUESA.

Silva, C.F.R².; Castelucio, A.R.P.C² & Fraga, C.R².

OBJETIVO

O Projeto Autonomia, resultante de uma parceria entre a Fundação Roberto Marinho e o governo do Estado do Rio de Janeiro, tem como objetivo promover a aceleração da aprendizagem e a correção da distorção idade-série de alunos dos ensinos fundamental (5^a.a 8^a. série) da rede pública estadual, por meio de telesalas.

METODOLOGIA

A metodologia empregada na avaliação do Projeto Autonomia no Estado do Rio de Janeiro consistiu na aplicação de instrumentos diversificados de coleta de dados e realização de grupos focais com professores e alunos. Dentre os instrumentos utilizados estão as provas de conhecimento em Português –, aplicadas no início e ao final do curso, e questionários para caracterização de perfil, opiniões e comportamentos dos atores escolares – alunos e professores.

RESULTADOS

Pode-se afirmar que de 2009 para 2010 os alunos mudaram bastante seu comportamento, tornando-se mais participativos nas telessalas, mais comunicativos com os professores e colegas, mais disciplinados e mais conscientes de seu próprio valor. Na avaliação de Leitura, no Marco Zero, os alunos obtiveram média de 37,7 pontos, enquanto que na avaliação de resultados esse índice foi de 43,1, contabilizando-se ganho de 5,5 pontos. Palavras-chave: Avaliação, educação e distorção.

AVALIAÇÃO DO PROJETO AUTONOMIA NO ENSINO FUNDAMENTAL EM LÍNGUA PORTUGUESA.

Silva, C.F.R.; Castelucio, A.R.P.C & Fraga, C.R.

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Autonomia, resultante de uma parceria entre a Fundação Roberto Marinho e o governo do Estado do Rio de Janeiro, tem como objetivo promover a aceleração da aprendizagem e a correção da distorção idade-série de alunos dos ensinos fundamental (5^a.a 8^a. série) da rede pública estadual, por meio de telesalas.

Os professores da rede pública e participantes do projeto foram capacitados segundo a metodologia proposta pela Fundação Roberto Marinho.

O Projeto propõe, por meio de metodologia própria, que os alunos com atraso escolar concluam o ensino fundamental em 12 meses.

Para tanto, têm-se as seguintes estratégias:

- a capacitação continuada de professores da rede pública, tornando-os orientadores de aprendizagem;
- a instituição de telessalas nas escolas;
- o envio de material didático específico para o professor e para o aluno;
- a instituição de uma supervisão específica, que apóie o professor em sua atuação na telessala;
- o acompanhamento de todo o processo.

2. METODOLOGIA

A avaliação foi executada pelo Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e de Ação Comunitária - IDECA – que é uma associação civil sem fins lucrativos e

econômicos, com o objetivo de contribuir para o aprimoramento das ações sociais desenvolvidas por organizações do terceiro setor e instituições públicas e privadas.

A metodologia empregada na avaliação do Projeto Autonomia no Estado do Rio de Janeiro consistiu na aplicação de instrumentos diversificados de coleta de dados e realização de grupos focais com professores e alunos. Dentre os instrumentos que foram utilizados estão as provas de conhecimento em Português –, aplicadas no início e ao final do curso, e questionários para caracterização de perfil, opiniões e comportamentos dos atores escolares – alunos e professores.

As provas de conhecimento foram elaboradas a partir das Matrizes de Habilidades do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e Prova Brasil de Português. Todos os testes foram constituídos de questões de múltipla escolha. Nas duas fases de aplicação, os alunos também transcreveram um trecho ditado pelo professor aplicador e elaboraram uma redação. As respostas abertas foram utilizadas para classificação do nível de escrita dos estudantes.

No marco zero foram avaliados 1.006 alunos e na fase 2, um total de 735 estudantes, dos quais 593 tinham respondido à prova da fase 1. Dessa forma, no pós-teste o número de alunos avaliados representou uma perda de 27% dos estudantes.

A respeito da análise dos resultados, cabe um esclarecimento; o grupo de alunos que foi considerado são compostos por aqueles que fizeram as provas no pré e pós-teste, os quais representam 59% dos avaliados da fase 1. Todos esses estudantes responderam a provas da mesma disciplina nas duas fases de investigação.

Os resultados dos alunos foram processados de acordo com os procedimentos preconizados pela Teoria Clássica de Medidas e, posteriormente, pela Teoria de Resposta ao Item (TRI). Utilizar a TRI² é pertinente para superar as limitações das análises dos resultados somente por meio do percentual de acertos, médias ou escores dos testes.

Os resultados permitiram comparar os desempenhos iniciais e finais dos alunos nas escalas de proficiência do SAEB e da Prova Brasil. Este procedimento visou apenas a investigar se, ao final do Projeto Autonomia, os estudantes tinham proficiência acadêmica próxima da média nacional. Estas análises, entretanto, devem ser interpretadas com cuidado, tendo em vista que os resultados do SAEB/Prova Brasil são estimados apenas com alunos da educação regular.

As provas elaboradas foram calcadas nas Matrizes de Habilidades do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e Prova Brasil. Os materiais didáticos do Projeto Autonomia também foram utilizados como referência para a constituição desses

instrumentos. As provas do marco zero e do final do curso tinham itens comuns, parametrizados na escala do SAEB, o que permitiu colocar todos os resultados em uma única métrica para comparação.

As provas de Português tiveram composição semelhante, mas diferenciada. A prova do marco zero foi constituída por um ditado, 32 itens de leitura de múltipla escolha e uma redação. Nesta redação, foi solicitada aos estudantes a escrita de uma carta para um amigo convidando-o para um passeio. Na prova de final de curso utilizou-se o mesmo ditado, ampliou-se o número de questões de leitura para 35 e a redação solicitou que o aluno complementasse um texto narrativo, cuja introdução era apresentada.

Os itens de Leitura foram calcados em tipologia textual diversificada, incluindo notícias, textos literários, instrucionais, fábulas, histórias em quadrinhos, texto poético musicado, carta e textos didáticos. As questões propostas aos estudantes focaram as habilidades que envolvem procedimentos de leitura, reconhecimento do suporte e da tipologia textual, mecanismos de coerência e coesão textual, uso de recursos expressivos, identificação de efeitos de sentido e variação linguística.

As tarefas envolvendo a escrita permitiram identificar se todos atingiram a fase alfabética ortográfica da escrita e qualificaram o domínio de habilidades e competências voltadas para a produção textual. Para tanto, as redações foram corrigidas segundo quatro competências, a saber:

- COMPETÊNCIA I - Demonstrar domínio da norma padrão da língua escrita.
- COMPETÊNCIA II - Compreender a proposta de redação dentro dos limites estruturais do texto solicitado.
- COMPETÊNCIA III - Selecionar, relacionar, organizar, interpretar informações e fatos.
- COMPETÊNCIA IV - Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção do texto.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1. Perfil dos alunos

A maioria de alunos do sexo masculino (60%) se mantiveram em relação à distribuição verificada no ano anterior. A maioria masculina se inverte apenas nas seguintes regionais: Baía da Ilha Grande com 83,6% e Centro Sul com 54,5% de jovens do sexo feminino. Em 2009, esses pólos já apresentavam essa configuração. E a Baixada Litorânea, que apresentava uma maioria do sexo masculino em 2009 (58%), tornou essa distribuição mais igualitária em 2010, possuindo agora 50,8% de participantes do sexo feminino.

Em relação à faixa etária, a maior concentração de alunos (84%) se encontram entre 15 e 18 anos, repetindo a distribuição ocorrida em 2009.

A maioria dos chefes de família (pais ou responsáveis) possuem apenas o Ensino Fundamental Incompleto (39,7%), fato este já revelado na avaliação de Marco Zero (32,9%). Também tal como em 2009, 4,8% dos participantes do Projeto Autonomia são chefes da família. Quando são analisados os dados por regionais, percebemos que três possuem as maiores porcentagens de chefes de família com Ensino Fundamental Incompleto: Baía de Ilha Grande (55,2%), Baixada Litorânea (52,5%) e regional Noroeste (54,8%).

Cerca de 68,4% dos alunos nunca deixaram a escola, e quando o fizeram a deixaram apenas por um ano (15,4%). Daí, podemos inferir que a defasagem idade/série está ligada à repetência escolar, pois 40,5% dos alunos foram reprovados 2 vezes, e 38,6% o foram 3 ou mais vezes.

Os alunos são, predominantemente, de classe socioeconômica C, sendo que há mais homens de classe mais favorecidas (A ou B) e mais mulheres de classe baixa (D). E que em geral, as estudantes do sexo feminino passaram menos pela experiência de reprovação. Há evidências de que os homens sofreram mais repetências do que as mulheres; porém, elas foram as que mais vivenciaram o abandono escolar, comumente por mais de três anos.

Embora a maioria dos alunos do Projeto Autonomia ainda estejam fora do mercado de trabalho, de 2009 para 2010 aumentou a porcentagem daqueles que trabalham, passando de 25% para 39%. Aumentou também o percentual daqueles que trabalhavam por 8 horas diárias (passando de 12% para 17%) e mais do que dobrou o percentual dos que trabalham de 5 a 7 horas (passando de 4% para 9%).

3.2. Perfil dos professores

Em 2009, quando o Ideca fez a primeira avaliação do Projeto Autonomia, a amostra foi composta por 48 professores (ou orientadores de aprendizagem) sendo 76,8% do sexo feminino e 16,7% do sexo masculino. Em 2010, ao final do curso, a amostra foi composta por 45 orientadores de aprendizagem sendo 77,8% do sexo feminino e 22,2% do masculino; quadro muito semelhante, com um pequeno aumento percentual para o sexo masculino.

Em relação a faixa etária, em 2009, predominava a faixa de 30 a 49 anos com 70,8% dos orientadores; em 2010, 71,1% dos orientadores encontram-se nesta mesma faixa etária. Este mesmo fato não ocorreu na faixa de 55 anos ou mais: enquanto em 2009 reunia 8,3% dos orientadores, em 2010, subiu para 13,3%.

Quase a metade dos orientadores possuem ensino superior completo com especialização (44,4%). Parte significativa dos orientadores é formada em Letras (20%), seguida por uma pequena parcela de formados em Matemática (6,7%) e uma parte ainda menor com cursos de História (4,4%). Na comparação com os dados de 2009, verificou-se que o quadro de professores se alterou muito pouco. O curso predominante é o de Letras, seguido pelo de História. As diferenças mais significativas ocorrem em Matemática, cuja porcentagem de professores com essa formação caiu de 8,3%, em 2009, para 6,7%, em 2010, e em Ciências Biológicas, cuja porcentagem caiu de 4,2%, em 2009, para 2,2%.

A percepção dos orientadores a respeito da suficiência da formação inicial para a atuação profissional do professor revela que a maioria dos docentes concorda que ela é suficiente (53,3%), embora não se possa ignorar que parcela importante deles discorda dessa opinião.

A maioria dos professores (57,8%) dedica 20 horas de seu tempo ao Projeto, enquanto uma parcela menor (26,7%), mas significativa, trabalha de 21 a 30 horas semanais. A comparação com a carga horária de 2009 indica que houve mudanças, a saber: 45,8% trabalhavam de 11 a 20 horas; em 2010, 57,8% trabalham 20 horas; e 47,9% trabalhavam de 21 a 30 horas; em 2010, 26,7% trabalham de 21 a 30 horas.

A carga horária dos professores do Projeto Autonomia no Ensino Regular é na sua maioria (46,7%) de 11 a 20 horas à essa rede, além das horas dedicadas ao Projeto Autonomia. Comparando-se a carga horária dos orientadores que, em 2009 e 2010,

trabalhavam no ensino regular, verifica-se que, em 2010: diminuiu a carga horária dos professores de 11 a 20 horas no Ensino Regular; aumentou ligeiramente a porcentagem daqueles que não estão atuando no Ensino Regular; aumentou a porcentagem daqueles que trabalham 20 horas no Projeto Autonomia; e diminuiu a porcentagem daqueles que trabalham de 21 a 30 horas no Projeto Autonomia.

3.3. Avaliação do Projeto pelos Participantes

3.3.1. Avaliação dos alunos

Ao final do Projeto Autonomia, foi solicitado aos alunos que avaliassem a escola onde fizeram o curso e o próprio Projeto, considerando: a localização e as instalações da escola, as atividades do Projeto, organização e ambiente escolar, equipamentos e materiais utilizados durante o curso. Numa escala de 0 a 5, os alunos deram notas para cada um desses aspectos.

A localização da escola foi o aspecto que mais agradou aos alunos, recebendo a maior nota de quase metade deles. A soma dos percentuais das notas 3, 4, e 5 resulta em 76,2%, indicando que uma parte muito expressiva da clientela aprovou os locais de realização do curso. A cantina e a merenda fornecida nas escolas também receberam a nota máxima de uma significativa porcentagem de alunos.

Parte significativa dos alunos também atribuiu a nota máxima às condições das salas de aula. Iluminação, limpeza e ventilação (a região é muito quente) são condições relevantes para adequado funcionamento das atividades escolares.

A despeito dessa aprovação por parte da maioria dos alunos, há os que avaliam as condições das salas com notas que variam de zero a 2. Nos grupos focais, por exemplo, foram registradas algumas queixas sobre as condições físicas e de conservação da limpeza diária das salas de aula.

Em razão da importância da leitura no processo de aprendizagem, a frequência às bibliotecas mereceu uma investigação mais detalhada. Uma parcela significativa de alunos afirmou não frequentá-las. Em 2009, apenas 5,9% dos alunos frequentavam sempre a biblioteca, porcentagem que, em 2010, caiu para 4,8%.

Como mais uma estratégia para verificar a integração dos alunos do Projeto à escola, indagou-se sobre a sua participação em comemorações escolares, em Projetos desenvolvidos pelos alunos dos cursos regulares e no uso de equipamentos de informática, chegando-se aos seguintes resultados: a maior média foi atribuída para a participação em comemorações escolares (3,3); a despeito de que a média para a participação em Projetos realizados por turmas dos cursos regulares tenha sido razoável (2,7), não se pode ignorar que 1/5 dos alunos atribuiu nota zero a este quesito, o que talvez sugira que muitos não tenham tido experiências felizes neste particular.

Uma parcela significativa dos alunos atribuiu nota 5 à organização dos horários das aulas. O apoio de diretores, coordenadores, funcionários e professores ao Projeto também recebeu porcentagens expressivas de nota 5.

A convivência com os demais alunos da escola é avaliada muito positivamente: 78% atribuíram notas de 3 a 5 a essa convivência.

3.3.2. Avaliação dos professores

Os orientadores de aprendizagem avaliaram aspectos referentes a três aspectos: as ações de formação continuada promovidas pelo Projeto, as demais ações de apoio oferecidas e a proposta metodológica.

A maioria dos professores (80,0%) participou de todos os encontros de capacitação; quando a estes se somam os 11,1% que participaram de 75,% desses eventos, não há dúvida que, em termos da frequência, a formação continuada foi bem sucedida.

Sob o ponto de vista da qualidade, as capacitações foram também avaliadas muito positivamente pelos professores. Quando se somam as porcentagens dos que atribuíram conceito “bom” e “excelente” aos aspectos avaliados, verificou-se que o aspecto mais bem avaliado diz respeito aos materiais utilizados na formação, enquanto os conteúdos abordados ficaram com a menor avaliação, ainda assim, muito bem avaliados.

A avaliação das orientações dadas aos professores nas capacitações apresentaram resultados também positivos com relação ao uso dos recursos de aprendizagem, que oscilou entre os conceitos bom (40%) e excelente (56%); aos temas e conteúdos foram considerados bons (60%), excelentes (22%); e aos procedimentos para acompanhamento e avaliação da

aprendizagem receberam o conceito bom (53%), Note-se que nenhum professor utilizou o conceito ruim para qualquer dos itens avaliados.

Segundo a percepção dos orientadores de aprendizagem, quando o Projeto Autonomia foi implantado, contou com a aprovação da maioria dos diretores (86,7%) e coordenadores (75,6%). Entre os professores e funcionários, não houve esta mesma receptividade: embora cerca de 48% dos professores e funcionários tenham sido favoráveis a essa implementação, cerca de 36% revelaram-se indiferentes ao Projeto.

A adesão dos diretores e coordenadores – que já era alta no início do Projeto – aumentou durante o desenvolvimento das ações, podendo inferir que não foram decepcionados em relação às suas expectativas quanto ao Projeto Autonomia. Também a adesão dos professores e funcionários aumentou, como seria de se esperar, pois com o início das ações, esses atores tiveram oportunidade de ter mais informações sobre a natureza do Projeto.

Segundo as percepções dos orientadores, o supervisor funcionou mais frequentemente para encaminhamento de questões administrativas para a Regional da Secretaria da Educação (64,4%), o que ressalta a visão mais burocrático-administrativa da Supervisão escolar. No entanto, não se pode desconhecer que 57,8% dos orientadores informam que esses profissionais “sempre” acompanharam o seu trabalho pedagógico, o que permite conferir finalidades também pedagógicas às atividades de visita às telessalas (48,9%) e de reuniões de planejamento (35,6%).

O site disponibilizado pela Fundação Roberto Marinho pode representar mais um apoio ao desenvolvimento do Projeto, uma vez que esta estratégia de comunicação permitiria que as dúvidas, consultas e sugestões dos professores fossem resolvidas rapidamente. No entanto, apenas 55,6% dos orientadores entrevistados afirmam recorrer ao site para esta finalidade. Cerca de 70% dos que fazem consultas à FRM via site conseguem resolver suas dúvidas; apenas 45,5% são atendidos prontamente. Para os demais, o site não funcionou como uma estratégia para resolver as suas dúvidas.

Segundo a percepção dos orientadores, diretores/coordenadores privilegiam aspectos pedagógicos em sua gestão, já que as ações que foram realizadas mais frequentemente [sempre (56,7%) e quase sempre (31,1%)] tiveram como foco a aprendizagem dos alunos e sua permanência no curso. Mesmo a ação de investir na formação continuada da equipe escolar, que ainda não chega a ser tradição no ideário das escolas, foi também apoiada por estes profissionais com uma frequência significativa: sempre (37,0%) e quase sempre (45,9%).

Cerca de 47% dos orientadores consideraram que sua formação inicial não era de todo suficiente para sua atuação no Projeto Autonomia, porém mais de 60% deles, ao final de sua participação, considerou que foi mais prazeroso atuar nessa função profissional do que como docente (48,9% + 13,3%). Quase 90% deles, conseguiram enfrentar o desafio de “aprender e ensinar ao mesmo tempo”.

4. CONCLUSÃO

De 2009 para 2010, os hábitos de leitura dos alunos passaram por mudanças muito pequenas e, ao contrário do que seria desejável, grande parcela dos jovens permanece lendo apenas eventualmente.

Em 2010, uma porcentagem significativa dos alunos utilizam computadores (70,7%), embora a porcentagem de usuários tenha diminuído de 2009 (85,4%) a 2010.

Com relação a outros tipos de cursos realizados fora da escola, grande parte dos alunos (44,8%) não faz nenhum curso, e, quando faz, optou pela área de computação (30,6%) ou esportes (21,5%).

Pode-se verificar que parte dos reavaliados gasta até uma hora assistindo TV (35,2%), fazendo os deveres escolares (47,2%), e cuidando da casa (38%). Parte significativa desses alunos não usa computador (32,2%), nem navega na Internet (31,7%).

De modo geral, no que concerne aos hábitos cotidianos dos alunos, houve um aumento de horas gastas estudando ou fazendo lição de casa, o que é bastante positivo.

Uma parcela significativa dos orientadores de aprendizagem solicitam que os alunos façam lições de casa e as corrige (mais de 90%). Quando os estudantes são ouvidos a respeito desse mesmo assunto, de certa forma, essas expectativas se confirmam, uma vez que mais de 90% deles afirmam que fazem as lições de casa – e a prática didática nos ensina que isto não aconteceria se elas fossem desinteressantes.

No relatório apresentado pelo Ideca em 2009, as principais razões apontadas pelos alunos para explicar suas dificuldades de aprendizagem foram sua falta de interesse pelas aulas, a indisciplina e o elevado número de alunos em sala. Em 2010, para mais da metade dos alunos, os dois principais fatores que facilitaram a sua aprendizagem foram o seu interesse pelos conteúdos e o apoio recebido de professores mais motivados, do que se pode inferir que a previsão feita no relatório de 2009 se cumpriu efetivamente.

Tanto no Marco Zero como na Avaliação de Resultados, foram investigadas quais as características dos professores que os alunos mais gostavam. Observamos alterações nessas avaliações, a saber: Em 2009, organizar trabalhos em grupo foi a característica mais escolhida pelos alunos (49,4%). Não faltar, utilizar vídeos, corrigir lições de casa e cumprir rigorosamente o horário foram características que vieram na sequência. Em 2010, os alunos reavaliados alteraram suas escolhas: avaliar as atividades realizadas valorizando a possibilidade de aprendizagem passou a ser a característica mais importante para 43% deles. Não faltar permaneceu como escolha de parcela significativa do alunado (41,3%), cumprir horário ganhou importância em relação a 2009 e a organização do trabalho em grupos perdeu importância em relação àquele ano, embora seja importante para 32,7% dos alunos.

A auto-avaliação que os alunos fizeram de sua evolução ao final do curso, indicam resultados muito positivos e revelam que os jovens percebem seu próprio desenvolvimento. Todos os itens propostos apresentam porcentagens acima de 50,0% e alguns merecem destaque: o maior deles (87,8%) diz respeito a falar melhor, outro (86,7%) indica que os alunos conseguiram vencer um grande desafio, outro (85,7%) aponta que os alunos se tornaram mais criativos. A menor porcentagem (51,4%) revela que os alunos, embora tenham melhorado, precisam se aperfeiçoar mais na escrita, em qualquer tipo de texto.

Em 2009, a porcentagem de alunos que não gostavam de apresentar seus trabalhos era de 33,7%, diminuindo para 24,2% em 2010. Aqueles que os apresentavam eventualmente eram 39,0% em 2009, aumentando para 49,2% em 2010. O mesmo processo ocorreu com o questionamento dos professores nos momentos de discordância com eles: diminuiu a porcentagem do nunca (de 26,8% para 20,7%) e aumentou a frequência do sempre (de 26,0% para 34,6%).

Pode-se afirmar que de 2009 para 2010 os alunos mudaram bastante seu comportamento, tornando-se mais participativos nas telessalas, mais comunicativos com os professores e colegas, mais disciplinados e mais conscientes de seu próprio valor.

A análise do nível de escrita dos estudantes do Projeto Autonomia Ensino Fundamental nas duas etapas avaliativas indica que houve um avanço de 6 pontos no percentual relativo aos alunos que alcançaram o nível alfabético da escrita, isto é, o estágio em que há a compreensão de que cada som (fonema) corresponde a uma letra e que as letras se combinam para formar sílabas e palavras.

Na avaliação de Leitura, no Marco Zero, os alunos obtiveram média de 37,7 pontos, enquanto que na avaliação de resultados esse índice foi de 43,1, contabilizando-se ganho de 5,5 pontos. Observando-se os coeficientes de variação, é possível dizer que os alunos

tenderam a apresentar desempenhos mais homogêneos no pós-teste do que no pré-teste, onde a variabilidade foi alta. Podemos detectar avanços, também, na nota mínima alcançada: no pré foi de 1,7 pontos e no pós de 12,7 pontos. A diferença entre as notas máximas verificadas nas duas fases de testagem foi menor, de 2,7 pontos.

As médias em Leitura dos estudantes do Projeto Autonomia foram, posteriormente, colocadas na Escala de Leitura do SAEB, para fins de comparação. Evidentemente, as análises são limitadas, tendo em vista que o SAEB investiga o ensino regular, mas esses dados possibilitam refletir sobre a possível inserção dos alunos do Projeto Autonomia no ensino médio regular.

A média que o conjunto de alunos considerado nesta investigação atingiu, ao final do curso, foi igual a 206,3, abaixo da média nacional para a 8ª série do Ensino Fundamental (231,7), sendo também mais baixa do que aquela verificada entre alunos do EJA Ensino Médio no marco zero (246,8). A média alcançada no EF está mais próxima daquela atribuída às escolas urbanas estaduais do Rio de Janeiro (223,9) nesta avaliação nacional.

A média geral em Redação foi igual a 59,5 no marco zero e 57,7 no final do curso, não havendo diferenças relevantes a serem comentadas, apenas que houve redução da variabilidade de desempenhos na fase 2 da aplicação de provas.

Os dados indicam que os alunos enfrentam mais problemas quanto ao conhecimento dos mecanismos linguísticos para a construção do texto, sendo a média final de 43,3 pontos e a inicial de 63,4 pontos. Essa condição evidenciou que, ao início do curso, os textos dos alunos tinham um padrão razoável quanto a esta competência para o nível de 4ª série e ao final do curso, não alcançaram patamares mais complexos, característicos da 8ª série do EF. Além disso, foi o aspecto de maior variabilidade de desempenho no pós-teste.

Vários estudos foram realizados, buscando detectar associações entre perfis, comportamentos e opiniões de alunos e educadores com o ganho auferido em Leitura:

- **Idade:** há diferenças de ganho quanto às diferentes faixas etárias, sendo que de 14 a 16 anos (49,3% dos alunos) e de 18 a 21 anos (13,4%) os ganhos giram em torno de 5,6 a 5,9 pontos.
- **Hábitos de leitura:** parecem associados ao ganho, mas apenas quanto à leitura de material voltado para o conhecimento, tais como livros de literatura, jornais e revistas de informação geral, não sendo relevante a leitura de histórias em quadrinhos ou de revistas de atualidades. Os dados indicam que a leitura frequente de jornais tem maior peso no ganho auferido.

- **Reprovação e abandono:** ter ou não vivido a experiência de reprovação não é condição de diferenciação no ganho, mas a quantidade de vezes que o aluno foi reprovado, sim. Quem só passou por uma reprovação teve ganho de 8,1 pontos; se passou por duas, de 5,9 pontos; se passou por três ou mais, de apenas 3,7 pontos.
- **Qualidade da escola:** estudantes que tiveram maiores ganhos indicaram estudar em unidades escolares com melhores instalações, com boa localização, que proporcionam mais atividades diversificadas, têm melhor organização, bom ambiente e boa qualidade dos equipamentos e materiais.
- **Professores:** os alunos que mais ganharam pontos entre o pré e pós-teste foram aqueles que apreciam os docentes que usam quase sempre o quadro negro e que utilizam vídeos e materiais diversificados.
- **Relação com os colegas:** Os alunos com maiores avanços também tendem a considerar mais seus colegas de classe como pessoas que podem lhes ensinar algo, enquanto os que menos ganharam consideram seus pares como concorrentes.
- **Práticas didáticas:** Alunos que copiaram mais textos do livro didático ou do quadro negro tiveram maiores ganhos, outra referência à prática preconizada pelo Projeto, de produzir e registrar sínteses, ao final da abordagem de temas ou módulos. Note-se que maiores avanços foram obtidos por aqueles que apontam como facilitadores para sua aprendizagem assistir aos vídeos do Projeto
- **Capacitação do Projeto Autonomia:** Os professores dos alunos que tiveram maiores ganhos também consideraram mais que sua capacitação foi boa ou excelente no que se refere aos conteúdos abordados, materiais e estratégias utilizados, orientações sobre o uso dos recursos de aprendizagens disponíveis, orientações para a abordagem ou discussão dos temas/conteúdos do curso e procedimentos para acompanhamento e avaliação dos alunos.
- **Atuação do supervisor e acompanhamento do trabalho do professor:** Há maiores ganhos entre estudantes cujos professores se sentiram atendidos pelo diretor ou coordenador escolar quanto a aspectos relacionados à aprendizagem dos alunos, inclusive nas questões de permanência destes no curso, e que tiveram retorno destes profissionais sobre a qualidade de seu trabalho docente.

Quanto às expectativas para o futuro, percebe-se que os alunos pretendem combinar a continuidade dos estudos com o trabalho. As porcentagens daqueles que têm essa pretensão

são expressivamente maiores do que aquelas referentes aos alunos que somente pretendem estudar.

5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Dalton., VALLE, Raquel. Introdução à Teoria da Resposta ao Item. Estudos em **Avaliação Educacional**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 18, 13-32, 1998.

KLEIN, Ruben. Utilização da Resposta ao Item no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB). **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, 11, 40, 283-96. 2003

VALLE, Raquel. Teoria da Resposta ao Item. Estudos em **Avaliação Educacional**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 21, 7-91, 2000

COELHO, Simone, SILVEIRA, Ghisleine. **Avaliação de Resultados: Projeto Autonomia Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, IDECA, 2010

¹ Fundação Roberto Marinho.

² A Teoria da Resposta ao Item, muitas vezes abreviada apenas por TRI, é uma modelagem estatística utilizada em medidas psicométricas, principalmente na área de avaliação de habilidades e conhecimentos.